

29/07/2019 - 05:00

Expandindo a expansão americana

Por **Laura Tyson e Lenny Mendonca**

Os Estados Unidos estão usufruindo da mais prolongada expansão econômica já registrada, superior à do período de crescimento de dez anos de 1991 a 2001. Mesmo assim, embora a maioria dos principais indicadores padrão - a taxa de desemprego, o crescimento do número de empregos não rurais, o número de novas vagas criadas - remeta a um mercado de trabalho vibrante, para um contingente demasiadamente elevado de americanos os bons tempos não são sentidos como especialmente bons. Os aumentos de salários têm sido obstinadamente decepcionantes para a maioria dos trabalhadores, mal acompanhando o custo de vida; e mais de 4,3 milhões de trabalhadores desejosos de preencher cargos de tempo integral conseguem encontrar apenas empregos de meio período.



Certamente, na medida em que os mercados de trabalho sofreram um aperto, o crescimento salarial nominal para funcionários que não ocupam cargos de supervisão e os que ocupam funções de produção se acelerou, pouco mais que 3% ano a ano em média nos últimos meses, com alguns dos aumentos de maior peso tendo sido concedidos a trabalhadores de baixa renda, do 20º e 30º percentis do conjunto da distribuição salarial. O problema, como reconheceu o presidente do Federal Reserve, Jerome Powell, é que os salários não estão crescendo com a mesma velocidade que nas recuperações anteriores. O crescimento do salário nominal anual teria de ser de pelo menos 3,5% a 4%, ou mais, para ser compatível com a meta de inflação do Fed, de 2%, com a de crescimento de produtividade, de 1,5%, e com uma parcela estável da renda nacional destinada aos trabalhadores.

De fato, neste mês de maio, os rendimentos médios semanais reais (corrigidos pela inflação) dos 80% dos trabalhadores da produção e de cargos não vinculados à supervisão de menor renda - um indicador amplamente usado do trabalhador "mais comum" - eram aproximadamente os mesmos que em 1974. E, como se não bastassem 45 anos de estagnação salarial, a média obscurece a crescente desigualdade salarial. Por décadas, a expansão salarial concentrou-se firmemente no quintil (a faixa de 20%) mais elevado, enquanto os salários reais do quintil mais baixo, na verdade, caíram.

Para muitos americanos o desafio não é encontrar um emprego, e sim encontrar um emprego que paga um salário digno. Enquanto o salário mínimo federal permanece no nível em que estava dez anos atrás (US\$ 7,25 a hora), em 18 Estados entraram em vigor aumentos do salário mínimo neste ano, o que já eleva os vencimentos de cerca de 5 milhões de trabalhadores, e mais 4 Estados planejam adotá-los também. De acordo com o centro de análise e pesquisa americano sem fins lucrativos Economic Policy Institute, a expansão salarial do 10º percentil (inferior) foi 50% mais acelerada em Estados que elevaram o salário mínimo entre 2013 e 2018 do que nos que não o elevaram.

Analogamente, só em 2019, o crédito fiscal proporcional à renda recebida [crédito fiscal reembolsável concedido a trabalhadores de baixa e média renda, de acordo com seus rendimentos e número de filhos, conhecido pela sigla EITC em inglês] foi elevado em 6 dos 29 Estados que o adotam. Além de reduzir a pobreza e de melhorar a saúde, o EITC aumenta o nível de emprego, por estimular o trabalho. O EITC tem seu melhor nível de funcionamento quando é associado a um salário mínimo mais elevado, o que impede os empregadores de impingir aos contribuintes o custo de pagar seus trabalhadores.

Demanda agregada sólida é essencial para a criação de empregos, mas não é suficiente para gerar expansão salarial robusta para a maioria dos trabalhadores, assim como não vai reduzir as discrepâncias cada vez maiores entre cidades, Estados e regiões

A Califórnia, que tem a taxa de pobreza mais elevada dos EUA (de 19%), aumentou seu salário mínimo em 2019, e tem elevações anuais adicionais planejadas até 2023, inclusive. O Estado também pretende expandir o EITC, ampliando seu alcance a trabalhadores sem filhos e aos que trabalham por conta própria, e fornecerá mesadas adicionais de US\$ 1.000 a famílias habilitadas a recebê-los, com filhos de menos de 6 anos de idade. A expansão possibilitará a que mais 1 milhão de famílias recebam o crédito. Por outro lado, em nível federal, os democratas progressistas defendem um "EITC para prestadores de assistência", que permitirá que os que assistem a crianças e a adultos vulneráveis reivindiquem os mesmos benefícios que obteriam se trabalhassem num emprego remunerado.

Mesmo assim, embora alguns governos estaduais e municipais tenham adotado medidas destinadas a ajudar trabalhadores, as disparidades geográficas estão aumentando. De acordo com um novo estudo do McKinsey Global Institute, as elevações dos salários e do nível de emprego observados na atual expansão econômica variaram amplamente de acordo com as cidades, Estados e regiões, refletindo uma tendência de longo prazo que começou a se acelerar após a recessão de 2008-2009. Tanto em nível nacional americano quanto na Califórnia e em outros Estados, o crescimento do nível de emprego se concentrou fortemente nas áreas urbanas, enquanto o nível de emprego nas comunidades rurais e em cidades abaladas por problemas continuou a cair.

O coração industrial e as áreas rurais do sul, sudoeste e do Meio-Oeste foram especialmente atingidos, e ostentam hoje taxas de desemprego e de dependência de opioides persistentemente elevadas entre pessoas do sexo masculino em idade ativa ideal. Essas disparidades geográficas levaram a um renovado interesse por políticas locais voltadas para elevar o nível de emprego em áreas que enfrentam dificuldades. Entre as propostas mais promissoras estão subsídios aos salários que variam por região e programas de treinamento especializado concebidos de acordo com as características dos mercados de trabalho locais.

A Califórnia também criou uma Comissão sobre o Futuro do Trabalho para analisar o provável impacto da automação sobre os trabalhadores, empregadores e postos de trabalho, e recomendar políticas de sustentação do crescimento do nível de emprego e dos salários no Estado. Os desafios são significativos. Seis em cada dez trabalhadores da Califórnia não têm diploma de curso superior, e parcela estimada em 33% das vagas de emprego no Estado corre o risco de ser fechada pela automação.

Como demonstra a atual expansão, uma demanda agregada sólida é essencial para a criação de empregos, mas não é suficiente para gerar uma expansão salarial robusta para a maioria dos trabalhadores, assim como não vai reduzir as discrepâncias cada vez maiores entre cidades, Estados e regiões. Somente políticas inteligentes e voltadas para o futuro são capazes de fazer isso. **(Tradução de Rachel Warszawski)**

Laura Tyson, ex-presidente do Conselho de Assessores Econômicos do Presidente dos EUA, é professora da Haas School of Business na Universidade da Califórnia.

Lenny Mendonça é assessor-chefe de economia e negócios da Califórnia. Copyright: Project Syndicate, 2019.

www.project-syndicate.org